

OMNIA

HUMANAS

Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)

www.fai.com.br

CAVAGNA, Janaina Cristina; SILVA, Lucas Caetano; Os primeiros habitantes de Adamantina/SP, seu ideal de progresso e sua contribuição para a formação da cidade. Omnia Humanas, v.4, n.1, p.7-20, 2011.

Os primeiros habitantes de Adamantina/SP, seu ideal de progresso e sua contribuição para a formação da cidade

The first inhabitants of Adamantina / SP, his ideal of progress and its contribution to the formation of the city

Janaína Cristina Cavagna
Lucas Caetano da Silva¹

Resumo

Este estudo tem por objetivo identificar as primeiras famílias que chegaram ao município de Adamantina, antes de sua emancipação política, assim como os motivos que as trouxeram para a nova área. Buscou-se identificar também as contribuições dessas famílias para a formação da cidade. Como problematização tentou-se responder: o que motivou a vinda de famílias para o extremo oeste paulista, numa área desprovida de infraestrutura e de recursos? Qual a contribuição dessas famílias para a formação da cidade? No primeiro momento, como material de pesquisa foram utilizados livros e dissertações de mestrado e doutorado, que relatam o povoamento regional e a criação do município de Adamantina. Num segundo momento, utilizaram-se alguns documentos da época nos arquivos da igreja matriz da cidade, cartório, acervo municipal, acervos particulares e outros. Foram realizadas entrevistas com pessoas que vivenciaram a fase inicial da história da cidade e que, de algum modo, contribuíram para o seu desenvolvimento. Os primeiros habitantes do município de Adamantina eram de procedência rural e ascendência européia; motivados pelos ideais de sobrevivência e prosperidade vieram para a cidade com o propósito de investir em uma área supostamente promissora ou para conquistar melhores condições de sobrevivência.

Palavras-chave: Primeiros habitantes. Adamantina. Formação da cidade.

Abstract

This study aims to identify the first families who arrived in the town of Adamantina before political emancipation, as well as the reasons that brought them to the new area. We tried to identify the contributions of these families for the formation of the city. How questioning attempted to answer: What motivated the families coming to the far west region, an area lacking infrastructure and resources? What is the contribution of these families for the formation of the city? At first, as research material were used books and doctoral dissertations and who report the settlement and the creation of the regional municipality of Adamantine. Secondly, we used some contemporaneous documents in the archives of the city's main church, registry office, municipal collection, private collections and others. Interviews were conducted with people who experienced the initial phase of the city's history and, in some way contributed to its development. The first inhabitants of the municipality of Adamantina were from rural areas and European ancestry; motivated by the ideals

¹ Graduandos de Geografia da FAI, 2010, sob orientação da prof dr^a Izabel Castanha Gil. DEHG (Departamento de Estudos Históricos e Geográficos da FAI - Faculdades Adamantinenses Integradas)

of survival and prosperity came to town with the purpose of investing in a promising area is supposed to win or survive better.

Keywords: Early inhabitants. Adamantine. Training of the city.

Introdução

Apresenta-se, neste artigo, um estudo sobre a contribuição dos pioneiros de Adamantina na formação e desenvolvimento da cidade. Na busca de seu passado pioneiro, interessou-se por discorrer sobre a história de sua colonização, marcada pela chegada da ferrovia e pela expansão da cafeicultura. O povoamento regional data da primeira metade do século XX, por meio de empreendimentos colonizadores que foram realizados por investidores e empresas que praticavam essa atividade.

A colonização caracterizou-se como sendo do tipo comercial, em que os detentores de capital adquiriram grandes glebas de terras e as dividiram em pequenos lotes para vendê-los a agricultores provenientes de regiões cafeeiras. Essa prática atraiu inúmeras famílias que se deslocaram para a nova área, motivadas pelos seus ideais de sobrevivência e prosperidade. Conhecer a trajetória das primeiras famílias que chegaram à cidade, assim como os ideais que as motivaram a virem para a região possibilitaram compreender as contribuições dos primeiros habitantes para a formação e desenvolvimento do município, visto que chegaram antes de sua emancipação política.

Tais princípios inspiraram a realização desta pesquisa, cujos objetivos estabelecidos foram: i) investigar as adequações das terminologias pioneiro e migrante para designar os primeiros habitantes da cidade de Adamantina; ii) identificar as primeiras famílias que chegaram à cidade, mesmo antes de sua emancipação política, bem como os motivos que as trouxeram para a nova área; iii) identificar as contribuições das primeiras famílias para a formação da cidade.

Como problematização tentou-se responder: i) Pioneiros ou migrantes: como designar os primeiros habitantes de Adamantina? ii) Quais foram as primeiras famílias que chegaram à cidade? Quais os motivos que as trouxeram para a nova área? iii) Quais foram as contribuições das primeiras famílias para a formação da cidade?

No primeiro momento, como fontes de pesquisa foram utilizados livros e dissertações de mestrado e doutorado, que tratam da formação econômica e social regional e da criação do município de Adamantina. Num segundo momento, utilizaram-se alguns documentos da época nos arquivos da igreja matriz da cidade, cartório, acervo municipal, acervos particulares e outros. Neste momento procurou-se identificar as primeiras famílias registradas, considerando-as como as pioneiras na cidade. Foram realizadas entrevistas com pessoas que vivenciaram a fase inicial da história da cidade e que, de algum modo, contribuíram para o seu desenvolvimento. Entrevistou-se também o professor e historiador Rubens Galdino da Silva, que desenvolveu pesquisa de mestrado e doutorado sobre a temática em estudo.

O trabalho está estruturado em quatro partes: na primeira, relata-se a ocupação do extremo oeste paulista. Na segunda parte, apresenta-se a história da formação do município de Adamantina. Na terceira parte, apresenta-se a análise das terminologias pioneiro e migrante. Na última parte, apresenta-se a ideologia de progresso dos primeiros habitantes, assim como a espacialização desse ideal na formação de Adamantina.

A ocupação do extremo oeste paulista

A Nova Alta Paulista, onde se situa a cidade de Adamantina (Figura 1), localiza-se no extremo oeste do Estado de São Paulo, mais precisamente no espigão divisor Peixe-Aguapeí. No início do século XX, essa área era conhecida como Extremo Sertão do Estado, devido a sua distância da capital e também por sua falta de recursos e de infraestrutura, que dificultavam a vinda e a fixação das pessoas. A sua formação econômica e social está relacionada com a expansão da cafeicultura para o oeste do Estado de São Paulo e com a construção da ferrovia, pela Companhia Paulista de Estrada de Ferro (CPEF), cuja movimentação maior ocorreu entre os anos de 1930 e final da década de 1950.

A porção oeste do Estado de São Paulo compreende uma extensa área territorial, porém foi dividida em subregiões delimitadas naturalmente por interflúvios dispostos longitudinalmente, cuja denominação era dada pelas ferrovias. A Nova Alta Paulista, onde se localiza Adamantina, é limitada ao sul pelo rio do Peixe, ao norte pelo rio Aguapeí ou Feio e, ao oeste pelo rio Paraná. Essa porção do território paulista foi a última a ser colonizada, fato ocorrido a partir da década de 1930.



Figura 1: Localização de Adamantina no Estado de São Paulo
Fonte: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento (SEP).

A colonização da Nova Alta Paulista caracteriza-se por uma ação planejada dos detentores de capitais e das empresas colonizadoras que adquiriram grandes extensões de terras a preços baixos. Sabendo do interesse dos colonos e imigrantes na região, achou-se vantajoso dividir as terras em pequenas glebas, para que os interessados pudessem adquiri-las com maior facilidade, pois se tratavam de ex-colonos que dispunham de poucos recursos financeiros, mas que vieram na esperança de se tornarem proprietários. A ausência de infraestrutura e a distância dos centros urbanos influenciavam no valor das propriedades e a maior parte dessas famílias acabava dispondo de condições apenas para comprar as pequenas terras distantes desses locais. A atividade colonizadora dessas empresas fomentou o povoamento da região. Ainda que visassem apenas o lucro, elas ofereciam aos compradores condições favoráveis para a aquisição das terras.

Muitas famílias de outras regiões cafeeiras do Estado deslocaram-se para a nova área, ainda desconhecida, em busca de sobrevivência e prosperidade, na tentativa de realizar seus sonhos. Os migrantes, em sua maioria de procedência rural e ascendência européia, eram impulsionados a migrar para áreas de floresta, onde o solo era fértil e as terras baratas. Gil (2008, p. 56) discorre:

Muitos migrantes e seus filhos, quando adultos, tornaram-se proprietários de terra, ascendendo da condição de colono à de lavrador. Para eles este fato simbolizava, concretamente, ascensão social. Esta conquista não era pequena para pessoas pobres que vieram tentar a sorte em terras tão distantes.

Pode-se dizer que as famílias agricultoras que alcançaram a realização dos seus sonhos com maior facilidade foram aquelas que chegaram com uma boa quantia de dinheiro, pois conseguiram comprar terras mais férteis e melhor localizadas, que possibilitavam o aumento do seu capital, e proporcionavam uma boa produção agrícola. Devido a isso conseguiam maior valorização de suas terras. As que investiram na modernização tecnológica, na introdução de novas técnicas e diversificaram a produção, cultivando outras culturas além do café, também prosperaram mais rapidamente.

A produção do café na Nova Alta Paulista apresentava algumas vantagens. Fazendeiros paulistas, querendo expandir seus cafezais e obter lucros com a exportação do produto, direcionaram-se para essa área, no final da década de 1930, em busca de terras virgens e férteis para cultivá-lo. Os solos florestados apresentavam boa fertilidade logo após as derrubadas. Gil (2008, p.45) explica os condicionantes físicos dessa região:

Em relação aos condicionantes físicos, essa área apresenta solos areníticos podzolizados de média e baixa fertilidade, assentados em relevos de altitudes modestas, com média altimétrica de cerca de 400 metros em relação ao nível do mar. Há poucas décadas, esses solos eram cobertos pela mata densa e por uma camada húmifera de cerca de meio metro, sendo que atualmente se apresentam depauperados e a sua camada orgânica limita-se a cerca de dois centímetros.

A expansão da cafeicultura para o oeste do Estado de São Paulo foi favorecida com a construção da ferrovia pela Companhia Paulista de Estrada de Ferro (CPEF). O café produzido na região era transportado pelos trens até o porto de Santos. Na volta, os vagões traziam as mercadorias não produzidas no local. O café constituía o principal produto das exportações brasileiras, motivado pelo interesse do mercado internacional.

A expansão da cafeicultura no Brasil, particularmente no Estado de São Paulo, não se explica como um fenômeno exclusivamente local. Trata-se de uma das frentes de expansão do capital, combinando os interesses das regiões centrais: Europa, Estados Unidos e Japão. (...) O extremo oeste paulista, particularmente o espigão divisor Peixe-Aguapeí surge como a última porção do Estado de São Paulo a ser colonizada na esteira da febre da cafeicultura, que durou do final do século XIX até as décadas medianas do século XX. (Gil, 2008, p. 54)

Os trilhos chegaram a Tupã em 1928. Dessa cidade a ferrovia seguiu até Lucélia, onde ficou parada por alguns anos, sendo inaugurada na cidade Adamantina em 1950. Nos anos de 1960, a ferrovia chegou a Dracena, de onde seguiu até Panorama, que é sua ponta final. Devido à proximidade das cidades e pelo desempenho político e econômico, algumas cidades tornaram-se centros sub-regionais, atraindo as cidades vizinhas nas áreas de saúde, educação, comércio entre outras, formando as microrregiões.

Sobre o papel da ferrovia, Gil (2008, p.61) destaca:

O desenvolvimento do Estado de São Paulo, a exemplo do que sempre ocorrera no país, não deriva de uma plano central, ao contrário, se espacializava de acordo com o avanço do capital. Interligando áreas de produção, portos de exportação, a capital, e as principais cidade-pólo da época, as ferrovias desempenharam papel estratégico na conjuntura econômico-político-social paulista e nacional ao longo da primeira metade do século XX. Elas foram traçadas e conduzidas pelos interesses dos gestores, dos produtores e dos

comerciantes de café, e os longos quilômetros de seus trilhos eram estendidos depois que o povoamento e a produção agrícola assegurassem fretes que compensassem a sua instalação.

As primeiras cidades, surgidas muitas delas como pequenos povoados, destacavam-se pela função comercial. Serviam como centros de abastecimento varejista dos moradores e como pontos de venda da produção rural.

A formação do município de Adamantina

O município de Adamantina possui área de 411,8 km², estando a 596 km da capital paulista, tendo como limites territoriais a leste o município de Lucélia, a oeste Flórida Paulista, ao norte Valparaíso e ao sul Mariápolis. Possui população de 33.792 habitantes (IBGE/2010), sendo aqueles que nascem no município denominados adamantinenses.

Uma das versões mais aceitas sobre a escolha do nome da cidade de Adamantina relaciona-se ao critério adotado pela CPEF de iniciar no local uma nova sequência alfabética para suas estações e paradas, como se fez com Alba até Zona da Mata, atual Lucélia. Teve-se como segundo requisito a escolha de um nome feminino. A primeira denominação Ada+amantíssima = Adamantina, transformou-se no atual topônimo, em homenagem a pessoa ligada a um dos diretores da ferrovia. (LIMA, 1999). O aniversário da cidade é comemorado no dia 13 de junho, no dia em que se comemora o padroeiro da cidade, Santo Antonio.

Formada por forte influência das empresas colonizadoras, como a Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização (CAIC), especialista em assuntos fundiários e de imigração, Companhia Paulista de Transportes (CPT), Companhia de Indústria, Comércio, Mineralização e Agricultura (CICMA), incumbida da urbanização e dos loteamentos e a CPEF responsável pelas ferrovias que traçavam a região da Nova Alta Paulista a oeste do Estado de São Paulo, essas empresas foram fundamentais para o surgimento da cidade, pois contribuíram diretamente na sua formação. Sobre essa temática, Silva (1989, p. 77) descreve:

O patrimônio de Adamantina surgiu como fruto de um planejamento de colonização elaborado e executado pelas CAIC e CICMA nas terras da Boston Cattle Company, à margem direita do rio do Peixe, até o seu espigão divisor com o rio Aguapeí, no município e comarca de Presidente Prudente.

No ano de 1937, a CAIC enviou funcionários para darem início ao desmatamento do local, que até então era coberto por matas densas e virgens. Em 1939, a CICMA iniciou as vendas dos lotes, visando construções de residências nessa área. Nessa fase encontra-se uma série de problemas, entre eles a dificuldade de locomoção e a desconfiança por parte dos compradores de investirem em Adamantina, pois a oito quilômetros dessa já existia a cidade de Lucélia. A dependência de Adamantina em relação à cidade vizinha pode ser observada no depoimento de Ovídio Turra:

A cidade, no início, só tinha uma rua. Próximo ao local onde hoje se localiza o Supermercado Godoy, havia uma casa. Além disso, não se tinha mais nada (...) Nós íamos para Lucélia quando precisávamos comprar algumas coisas, como as roupas, pois aqui não havia nada ainda. (Ovídio Turra, 82 anos. Entrevista concedida em 18/09/2010)

A estratégia de venda da CICMA para atrair compradores para esses lotes era vender as terras deste patrimônio abaixo dos preços dos loteados na cidade de Lucélia. A busca por terras férteis e a facilidade para se adquirir um lote deu início ao patrimônio de Adamantina. Seus fundadores eram, em grande número, filhos de imigrantes italianos; em menor quantidade tem-se os espanhóis, portugueses e japoneses. Tratava-se de colonos acostumados com os trabalhos brutos das plantações de café localizadas em outras áreas do Estado de São Paulo. Diante da facilidade de compra

fornecida pelas empresas colonizadoras, esses migrantes conseguiam tornar-se proprietários, pagando as parcelas de sua propriedade com o lucro obtido das vendas de suas colheitas.

Em 1942, aumentou o número de compradores e alguns lotes que constavam na planta do patrimônio foram subdivididos pelos proprietários, favorecendo o aumento do fluxo migratório. Adamantina lutava para estabelecer sua emancipação política e judiciária, pois não era nem distrito de paz do município de Lucélia. As dificuldades resultantes dessa dependência provocavam conflitos entre as lideranças políticas da cidade de Lucélia e do novo povoado. Ambos tinham ambições de se transformarem em polos regionais. Lucélia tinha uma forte liderança política, como descreve Silva (1989, p. 114):

A liderança política de Lucélia contava, na época, com o grande prestígio e influência de seu fundador, Luiz Ferraz de Mesquita, junto ao Governo do Estado, o seu concunhado, Adhemar Pereira de Barros, tornando-se assim mais difícil ainda as pretensões do povoado de Adamantina.

A liderança política do patrimônio de Adamantina contava com o apoio da CPEF, que o havia projetado como núcleo urbano numa estação ponta de linha. Silva (1989, p. 86) ressalta a importância de ser um município ponta de linha:

O núcleo urbano que se tornava “ponta de linha” oferecia, quase sempre, maiores possibilidades de crescimento socioeconômico em relação aos demais, posto que ficava sendo o centro polarizador da circulação de riquezas da região.

O prefeito da cidade Lucélia, Luiz Ferraz de Mesquita, tentou impedir que Adamantina se tornasse um patrimônio ponta de linha para que os seus planos de elevar Lucélia à hegemonia regional não se frustrassem. Sabendo que a estrada de ferro passaria por Lucélia e chegaria a Adamantina, o prefeito daquela cidade construiu uma casa na demarcação feita pela CPEF, onde a estrada de ferro deveria passar, somente para impedir que Adamantina se tornasse uma cidade ponta de linha. Essa pendência durou três anos na justiça, até que a CPEF ameaçou desviar a rota e passar a ferrovia seis quilômetros a norte de Lucélia, para que se atingisse o patrimônio de Adamantina. Muitos moradores chegaram a dizer que, se acontecesse o desvio, seria o fim da cidade de Lucélia. Então a CPEF e Lucélia fizeram um acordo: a ferrovia passaria por Lucélia, mas Adamantina seria o patrimônio ponta de linha.

Enquanto a estrada de ferro não chegava ao patrimônio, as lideranças políticas travavam forte luta pela emancipação política de Adamantina, que possuía todas as condições para se tornar um município. As forças políticas da cidade de Lucélia, então, procuravam tardar esse feito, que foi realizado com o Decreto Estadual nº 233, de 24 de dezembro de 1948, que criou o município de Adamantina e o seu desmembramento do município de Lucélia.

No ano seguinte, no dia 14 de março, ocorreu a primeira eleição da cidade para eleger os vereadores e prefeito. Nessa ocasião, Antonio Goulart Marmo, do Partido Social Progressista (PSP), foi eleito prefeito de Adamantina, apoiado e indicado pela CAIC, CICMA e CPEF, por ser funcionário de extrema confiança dos diretores dessas companhias. O eleito significava para as empresas colonizadoras garantia de poder público local e apoio para atingir seus objetivos. Em 02 de abril de 1949, instalou-se o município de Adamantina, com a posse do primeiro prefeito, depois de vários esforços por parte dos dirigentes políticos locais.

No ano de 1950, estendem-se os trilhos da cidade de Osvaldo Cruz a Adamantina, tornando-a um município ponta de linha. Essa condição proporcionou um salto no seu desenvolvimento. Nesse período, toda a desconfiança que se tinha ao se adquirir um lote de terra nessa área foi quebrada, começando uma época marcada pelo progresso, graças à estrada de ferro que trouxe consigo o transporte coletivo para as pessoas e de carga para escoamento do café. Gil (2008, p.82) retrata:

Por influência da Europa pós-guerra, instituiu-se o paradigma do crescimento econômico, a partir da década de 1950. Internamente, por influência da urbano-industrialização e da desarticulação entre as regiões, dificultando a consolidação da substituição de importação, o planejamento público, nesta fase, priorizou a infraestrutura em regiões estratégicas (siderúrgicas, hidrelétricas, eixos rodoviários, telefonia etc), ficando as regiões pioneiras e deslocadas dos centros mais dinâmicos, à mercê da modernidade. Sob os olhos do poder público federal e, mesmo estadual, o Estado de São Paulo resumia-se à região metropolitana, para onde ocorriam os investimentos financeiros, a instalação de centros tecnológicos, a implantação de infraestrutura e a disponibilização de instituições prestadoras de serviços públicos essenciais. Para o interior, algumas cidades, com maior poder de articulação política, localizadas em pontos estratégicos e demonstrando vigor econômico-político, também recebiam alguns investimentos, tornando-se polos regionais.

O município já conquistara o poder administrativo (executivo e legislativo), mas lhe faltava o poder judiciário. No mandato de Antonio Goulart Marmo (1949-1953) Adamantina continuou a ter como sede de sua comarca o município de Lucélia. Somente na segunda gestão (1953-1958), com o prefeito Euclides Romanini, foi possível conquistar a comarca do município, sendo criada pela Lei nº 2.456, de 30 de dezembro de 1953, e instalada dois anos depois.

Essas conquistas foram obtidas com o apoio eleitoral da população, porém os beneficiados foram aqueles que faziam parte da liderança política local, em sua maioria, detentores das principais fontes de capitais. Todas as disputas por parte dos políticos locais e os investimentos feitos pelas empresas colonizadoras não foram por afeto ao lugar, mas visando os interesses dessa elite.

Pioneiros ou migrantes: como designar os primeiros habitantes de Adamantina?

Para designar os primeiros habitantes de Adamantina fez-se uma análise das terminologias pioneiro e migrante. Os pioneiros são conhecidos como grandes desbravadores de regiões, considerados homens ambiciosos que enfrentam o perigo da selva virgem e adentram na floresta abrindo picadas. Motivados em aumentar suas posses, ou até mesmo por falta de opção, empenharam-se em enfrentar o que não conheciam para não perecer em regiões decadentes. Monbeig (1984, p.223) descreve o pioneiro como:

O simples pioneiro é, ao contrário, um homem pobre. Ele acompanha o movimento provocado pelo esgotamento dos solos das antigas zonas, movimento que se parece mais com uma fuga do que com uma conquista. (...) A maior parte dos pioneiros trabalhou como colonos nas grandes fazendas das velhas regiões. Os salários não foram tão elevados a ponto de permitir que fizessem grandes economias. (...) Pobre, o simples pioneiro tem como mão-de-obra sua própria família.

Julgam-se pioneiros as pessoas que chegam primeiro, ou seja, aquelas que se estabelecem inicialmente em algum local são os chamados fundadores de cidades. Esta caracterização do termo pioneiro é comentada pelo professor e historiador Rubens Galdino da Silva:

O termo pioneiro é muito próprio da historiografia americana. Os americanos possuem esta característica muito forte de serem os primeiros. Um exemplo marcante é o fato de serem os primeiros a pisarem na Lua. (Rubens Galdino da Silva - entrevista concedida em 17/08/2010)

Em relação à análise da terminologia migrante, considera-se como migração o deslocamento de grupos humanos de uma região para outra. Migra-se, na maioria das vezes, em busca de uma melhor qualidade de vida, ou seja, em busca de melhores condições econômicas. Mas podem ser várias as causas da migração, tais como: política, natural, ambiental, religiosa, étnica entre outras.

Algumas pessoas deslocam-se à procura de trabalho, de melhores rendas, de novas oportunidades que possam suprir as dificuldades do lugar onde vivem, e seguem para outras regiões com a esperança de realizar seus sonhos e conseguir o sucesso. O Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) considera:

(...) a migração se transformou em termos de seus significados e estrutura e como experiência social. Ainda assim, a migração não é, na maior parte dos casos, uma aventura. Ao contrário, deve ser considerada como deslocamento à procura de trabalho e renda. Migra-se de uma região para outra – ou internamente às regiões – com a intenção de melhoria das condições pessoais ou da família. Migra-se para atenuar as dificuldades vividas na origem, sejam ligadas ao baixo dinamismo das economias locais ou às vulnerabilidades e carências no sistema de proteção social. (IPEA, 2010)

Diante das definições apresentadas, considera-se que o termo migrante melhor atende à proposta de análise do movimento das primeiras famílias que chegaram em Adamantina. Pode-se dizer que os migrantes, sedentos por uma melhor condição econômica e social, foram os protagonistas do desenvolvimento do município de Adamantina durante a fase de sua colonização.

Na utilização de documentos da época, considerados como fontes históricas do município, buscou-se identificar os primeiros registros na Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua. O primeiro registro de batizado data de 29/01/1950, com o nome de Terezinha Furlaneto, nascida em 01/01/1950, filha de João Batista Furlaneto e Maria Bonaça Furlaneto. O primeiro registro de casamento ocorreu em 29/01/1950, de Francisco Moreno com Silvia Pereira.

No Cartório de Registro Civil de Adamantina, verificaram-se as seguintes informações: o primeiro registro de nascimento foi lavrado em 24/04/1949, de Maria Aparecida Zambão, nascida neste distrito aos 08/05/1947, filha de Ovidio Zambão e de d^a Nair Quinto Zambão. O primeiro registro de casamento foi documentado 19/05/1949, sendo de Euclides Latine com Paulina Mantovani, ele filho de Domingos Latine e d^a Florinda Carlete e ela filha de José Mantovani e d^a Eugenia Tassi. O primeiro registro de óbito ocorreu em 25/04/1949, de Pedro de Souza, falecido em 19/04/1949, neste distrito, filho de Benedito de Souza e de d^a Francisca de Souza.



Figura 2: Euclides Latine e Paulina Mantovani
Fonte: Arquivo particular.

Seguem algumas fotos¹ e informações² das principais famílias pioneiras de Adamantina, no período de 1939 a 1955.



Figura 3: Família Francisco Dario Toffoli
Descendentes de italianos.
Procedência: Marília, SP.
Data: Setembro/1942.
Atividade: Lavoura de café.



Figura 4: Família Jamil de Lima
Imigrante libanês.
Procedência: Marília, SP.
Data: 1939.
Atividade: Negócios imobiliários.

¹ Fonte: Álbum de Adamantina, 1949 - 1959.

² Fonte: Silva, 1989.



Figura 5: Família Luiz Turra
Descendentes de italianos.
Procedência: Taquaritinga, SP.
Data: 1942.
Atividade: Lavoura de café.



Figura 6: Família Miguel Borro
Procedência: Urupês, SP.
Data: Fevereiro/1951.
Atividade: Lavoura de café.

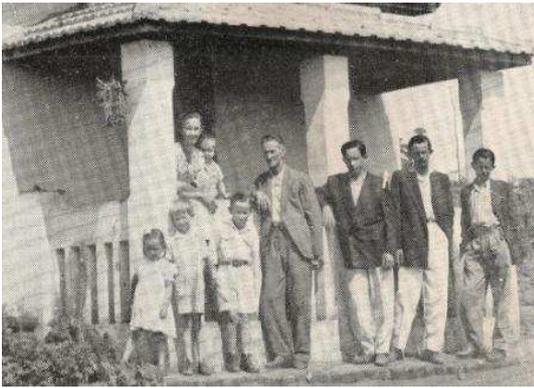


Figura 7: Família Sebastião Rombaldi
Data: 1940.
Atividade: Lavoura de café.



Figura 8: Família Bragatto
Descendentes de italianos.
Data: 1955.
Atividade: Comerciantes.

Progresso: ideologia e especialização em Adamantina

A ideologia de progresso da época era propagada por intelectuais que influenciavam os governantes na elaboração de suas políticas públicas e as elites em definir seus investimentos. A modernidade, assim como a ideologia de progresso, espalhava-se pelas cidades, pela industrialização, pela mecanização, pela produção em larga escala, pela monocultura e pela concentração de renda. Motivados pelos ideais de sobrevivência e prosperidade os primeiros habitantes do município de Adamantina vieram para a nova área, com o propósito de progresso econômico e social.

O progresso era visto por essas pessoas como a oportunidade de aquisição de uma gleba de terra. Muitos migrantes saíram da condição de colono e passaram a ser lavradores, ascendendo sua condição social. Eugenio Borro, descendente de uma das famílias pioneiras citadas no Álbum de Adamantina (1949-1959), diz:

O progresso significava prosperidade econômica, aquisição de bens materiais, expansão do capital. (Eugenio Borro, 70 anos. Entrevista concedida em 31/10/2010)

Ou também viam o progresso no trem que chegou à região. Este representava a tecnologia da época, materializada na ligação mais ágil com a cidade grande, facilitando o transporte e a comunicação. O progresso expressava-se na aquisição ou uso de algum produto que materializasse inovações tecnológicas. Gil (2008, p. 24) explica progresso:

Convencionalmente o progresso é visto como a capacidade de implantar/adquirir/acompanhar as inovações, distinguindo as sociedades e regiões. Assim, a ideia de progresso está fortemente vinculada à ideia de modernização.

A ideologia de desenvolvimento e prosperidade fez com que os primeiros moradores contribuíssem para o crescimento de Adamantina. Euclides Latini recorda:

A cidade de Adamantina se formou bem depressa. Eu trabalhava no sítio e quando folgava, trabalhava de servente de pedreiro, fui um dos primeiros. O município cresceu muito rápido. (Euclides Latini, 86 anos. Entrevista concedida em 17/10/2010)

Outra concepção de progresso pode ser vista ainda no depoimento de Euclides Latini:

O café representava o progresso, plantávamos cafezais, ficava bonito, se produzia bastante, ele representava lucro. (Idem)

As empresas colonizadoras, como a CPEF, CAIC, CICMA, CPT, também tinham a ideologia de progresso. Este estava direcionado ao desenvolvimento local. O desenvolvimento econômico e social do município de Adamantina e da região era de interesse destas empresas, pois este significava riqueza.

O desenvolvimento do município pode ser avaliado em 1955, quando Adamantina ganhou o concurso “Municípios de maior progresso no Brasil”, no ano de 1954, lançado pela revista “O Cruzeiro”.

A espacialização do ideal de progresso dos primeiros habitantes fez parte da história de Adamantina. A ocupação, transformação e produção neste espaço foram marcadas pelo trabalho, pela luta, pela vontade de vencer dessas pessoas, no mínimo, corajosas.

Pode-se dizer que o centro da cidade é a materialização desse ideal. Como exemplo, pode-se citar a construção do Grande Hotel Adamantina. Esta área funcionava como local de lazer, serviços, gerência administrativa, financeira e política. Localiza-se próximo à igreja matriz, câmara municipal, cinema, posto de saúde, prefeitura, delegacia, correio e outras construções de destaque. Foi no centro da cidade que as pessoas de melhores posses, como os fazendeiros, comerciantes, funcionários de alto grau, e até mesmo colonos que se enriqueceram, adquiriram terrenos, construíram casas e habitaram. Martinelli (2006/2007, p. 46) ressalta:

É inegável que a organização do espaço central de Adamantina foi idealizado para marcar e impressionar os usuários e visitantes da cidade. Os olhares sobre ela deveriam ser dirigidos para ver o progresso do município, através de seu novo centro urbano.

A construção do espaço da cidade ficou marcada por pessoas pertencentes aos grupos dominantes locais, considerando-os como responsáveis pelo progresso do município, e desta forma, os únicos a serem lembrados na história da cidade. Outros agentes de nível econômico e social inferior, que muito fizeram para o desenvolvimento da cidade, não foram homenageados com nome de ruas, livros e revistas.

Pessoas que muito fizeram pela cidade são inteiramente olvidadas, e não recebem qualquer homenagem, mesmo nos comentários, enquanto que outras que pouco ou nada fizeram são reverenciadas até com nomes em ruas importantes, ou no comentário diuturno. É o que acontece – no terreno da omissão – da ausência de homenagem com o atual ministro Paulo Lima, que, como antigo deputado estadual, teve papel marcante e mesmo decisivo para com a criação do município de Adamantina... (A Luta em Revista, dezembro de 1958. In Martinelli, 2006/2007, p.54)

Desse modo, observou-se que a maioria das residências de famílias pioneiras se localizou no centro da cidade, como pode ser constatado no mapa da zona urbana da cidade (Figura 9).

Referências bibliográficas

Fontes orais:

Euclides Latini, agricultor.
Eugenio Borro, professor.
Ovídio Turra, agricultor aposentado.
Rubens Galdino da Silva, professor e historiador.

Acervos documentais:

Livro de registro de batismo e matrimônio da Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua, de Adamantina.
Livro de registro nascimento, casamento e óbito do Cartório de Registro Civil de Adamantina.

Acervo do arquivo histórico de Adamantina:

Adamantina Cine-Revista.
Álbum de Adamantina, 1949 – 1959.
Adamantina em Revista de 1949 – 1953.
Adamantina em Revista de 1957.

Referências bibliográficas:

Adamantina. FAI. **Manual para publicação de trabalhos monográficos**. Acesso em 20/10/2010. Disponível em www.fai.com.br

GIL, Izabel C. **Nova Alta Paulista: 1930-2006: do desenvolvimento contido ao projeto político regional**. São Paulo: Scortecci, 2008.

_____. **Conta outra, vovô**. Adamantina: Gráfica Oeste, 1995.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística). Censos demográficos Acesso em: 14/11/2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/censo2010/dados_divulgados/index.php?uf=35

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Acesso em: 19 ago. 2010. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/100817_comunicadoipea61.pdf.

LIMA, Cândido. J.de. **Jubileu de ouro de Adamantina**. Adamantina, 1999.

MARTINELLI, M. Projeto de metrópole da cidade de Adamantina. **Revista Omnia** nº1, 2006/2007, p. 46-55.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1984.

SILVA, Rubens Galdino da. **Incorporação da Nova Alta Paulista ao setor produtivo do Estado de São Paulo: Município de Adamantina – 1937 a 1955**. Tese de mestrado. Assis: UNESP, 1999

URDIALES, F. e BERVOLE, D. De São Paulo ao Sertão Paulista. **Revista Laboratório** ano 05, ed. 24, nov 2009, p. 31-33.